

O QUE É SER LEITOR? REFLEXÕES SOBRE A CONCEPÇÃO DO SUJEITO LEITOR CONDICIONADO AO LIVRO E NÃO A LEITURA DO MUNDO

**Orledys María de Jesús López-Caldera, Universidade Estadual Paulista (Unesp), Brasil,
<https://orcid.org/0000-0002-5204-9901>**

**Oswaldo de Francisco Almeida Júnior, Universidade Estadual Paulista (Unesp), Brasil,
<https://orcid.org/0000-0003-3629-7435>**

RESUMO

Passamos a vida toda como leitores, e essa afirmação não se refere só a decodificação de símbolos para pronunciar, memorizar, ou compreender a palavra escrita e registrada em textos, prática geralmente apreendida e repetida na escola como fundamental para o desenvolvimento social. A ideia de que somos leitores a vida toda vem ao encontro da interação constante que temos com os outros e como recebemos, interpretamos, sentimos e vivemos as informações que nos são mediadas pelos nossos pais, familiares, amigos, colegas e outros integrantes da sociedade e comunidades das quais fazemos parte. A proposta deste trabalho é refletir o ato da leitura para além do mundo acadêmico e laboral, trazendo um sentido cotidiano e próprio da existência e dos significados que são dados ao nosso próprio lugar de fala, aos traços de memória e identitários. A motivação desta escrita vem influenciada pelo pensamento do influente venezuelano Simón Rodríguez (1999), quando apresentou a importância de sentir para compreender, princípio vinculado aos postulados de Paulo Freire (1999) com sua pedagogia liberadora. Assim, busca-se aprofundar a possibilidade utópica de se livrar das amarras acadêmicas e institucionais, empenhadas em hierarquizar e elitizar o ato de ler. Como seria o mundo se todos tivessem a mentalidade aberta para conhecer e compreender a leitura do mundo dos outros? Como seria o mundo se libertando das leituras dos pares ou dos outros sujeitos sociais associados ao poder ou lideranças? Como seria o mundo se o ato de ler ultrapassasse a forma de livro? Acaso o tempo atual não está nos levando à necessidade de repensar o estabelecimento de indicadores mais flexíveis e vinculados com a realidade do dia de hoje, quando os seres humanos estão investindo muitas horas de seu tempo interagindo com conteúdo, informações e pessoas mediante as redes sociais que funcionam pela Internet. Inclusive, depois da pandemia por Covid-19, as estruturas laborais, acadêmicas e as formas de se relacionar com as outras pessoas mudaram drasticamente, por conta do confinamento obrigatório que precisou ser cumprido no mundo. Esse cenário conturbado e cheio de incertezas gerou um aumento no uso de aplicativos, programas e canais digitais como WhatsApp, Google Meet, Zoom, Instagram, TikTok e outros que serviram como plataforma para dar continuidade às atividades cotidianas que, em grande medida, exigiam a leitura de mensagens de textos, a leitura de vídeos, a leitura de músicas, a leitura de áudios, podcasts, inclusive a leitura da corporalidade para identificar sintomas nas pessoas com as quais se interagia. Assim, parece urgente o posicionamento contundente de parte dos profissionais da Ciência da Informação, reconhecendo o potencial da educação liberadora como prática inclusiva e necessária para a mudança social, quanto à percepção do que é ser leitor e da prática leitora nas suas aproximações com a mediação da informação ao conduzir a problematização dos processos informacionais. Evidencia-se a interferência como ponto de ação em comum, com intencionalidade ao se opor ao pensamento conformista e à dominação de posturas elitistas e segregadoras do popular, do cotidiano e do verdadeiro sentir e viver do cidadão.

Palavras-Chave: Mediação de Informação; Mediação da Leitura; Práticas de Leitura; Leitor-Narrador; Leitor-Ouvinte.

***¿QUÉ SIGNIFICA SER LECTOR? REFLEXIONES SOBRE LA CONCEPCIÓN DEL SUJETO LECTOR
CONDICIONADO AL LIBRO Y NO LEYENDO EL MUNDO***

RESUMEN

Pasamos toda nuestra vida como lectores, y esta afirmación no se refiere sólo a decodificar símbolos para pronunciar, memorizar o comprender la palabra escrita y registrada en los textos, práctica generalmente aprendida y repetida en la escuela como fundamental para el desarrollo social. La idea de que somos lectores toda nuestra vida proviene de la interacción constante que tenemos con los demás y de cómo recibimos, interpretamos, sentimos y experimentamos la información que nos transmiten nuestros padres, familiares, amigos, colegas y otros miembros de la sociedad. comunidades de las que formamos parte. El propósito de este trabajo es reflejar el acto de leer más allá del mundo académico y laboral, acercando el sentido cotidiano de la existencia y los significados que se le otorgan a nuestro propio lugar de habla, a la memoria y a las huellas identitarias. La motivación de este escrito está influenciada por el pensamiento del influyente venezolano Simón Rodríguez (1999), cuando presentó la importancia de sentir para comprender, principio vinculado a los postulados de Paulo Freire (1999) con su pedagogía liberadora. Así, buscamos profundizar la posibilidad utópica de liberarnos de las limitaciones académicas e institucionales, comprometidos con jerarquizar y elitizar el acto de leer. ¿Cómo sería el mundo si todos tuvieran una mentalidad abierta para saber y comprender cómo otros leen el mundo? ¿Cómo sería el mundo si se liberara de las lecturas de sus pares u otros sujetos sociales asociados con el poder o el liderazgo? ¿Cómo sería el mundo si el acto de leer fuera más allá de la forma del libro? ¿No nos están llevando los tiempos actuales a la necesidad de repensar el establecimiento de indicadores más flexibles y vinculados a la realidad actual, cuando el ser humano invierte muchas horas de su tiempo interactuando con contenidos, información y personas a través de las redes sociales? La Internet. De hecho, después de la pandemia de Covid-19, las estructuras laborales y académicas y las formas de relacionarse cambiaron drásticamente, debido al confinamiento obligatorio en todo el mundo. Este escenario convulso e incierto generó un aumento en el uso de aplicaciones, programas y canales digitales como WhatsApp, Google Meet, Zoom, Instagram, TikTok y otros que sirvieron de plataforma para continuar con actividades cotidianas que, en gran medida, requerían lectura. mensajes de texto, lectura de videos, lectura de música, lectura de audios, podcasts, incluida la lectura de corporalidad para identificar síntomas en las personas con las que interactuó. Es urgente una posición contundente de los profesionales de las Ciencias de la Información, reconociendo el potencial de la educación liberadora como una práctica inclusiva y necesaria para el cambio social, respecto de la percepción de lo que significa ser lector y la práctica lectora en sus aproximaciones a mediación de la información liderando la problematización de los procesos informacionales. La interferencia es un punto de acción común, con intención de oponerse al pensamiento conformista y al dominio de actitudes elitistas y segregadoras hacia la vida popular, cotidiana y el verdadero sentir y vivir del ciudadano.

Palabras-Clave: Mediación de la Información; Mediación de la Lectura; Práticas de Lectura; Lector-Narrador; Lector-Oyente.

***WHAT DOES IT MEAN TO BE A READER? REFLECTIONS ON THE CONCEPTION OF THE SUBJECT
READER CONDITIONED TO THE BOOK AND NOT READING THE WORLD***

ABSTRACT

We spend our entire lives as readers, and this statement does not just refer to decoding symbols to pronounce, memorize, or understand the written word and recorded in texts, a practice generally learned and repeated at school as fundamental for social development. The idea that we are readers our whole lives come from the constant interaction we have with others and how we receive, interpret, feel and experience the information that is mediated to us by our parents, family, friends, colleagues and other members of society and communities of which we are part. The purpose of this work is to reflect the act of reading beyond the academic and work world, bringing an everyday sense of existence and the meanings that are given to our own place of speech, to memory and identity traces. The motivation for this writing is influenced by the thought of the influential Venezuelan Simón Rodríguez (1999), when he presented the importance of feeling to understand, a principle linked to the postulates of Paulo Freire (1999) with his liberating pedagogy. Thus, we seek to deepen the utopian possibility of freeing ourselves from academic and institutional constraints, committed to hierarchizing and elitizing the act of reading. What would the world be like if everyone had an open mindset to know and understand how others read the world? What would the world be like freeing itself from the readings of peers or other social subjects associated with power or leadership? What would the world be like if the act of reading went beyond the book form? Are the current times not leading us to the need to rethink the establishment of indicators that are more flexible and linked to today's reality, when human beings are investing many hours of their time interacting with content, information, and people through social networks? that work over the Internet. In fact, after the Covid-19 pandemic, work and academic structures and ways of relating to other people changed drastically, due to the mandatory confinement that had to be observed around the world. This troubled and uncertain scenario generated an increase in the use of applications, programs and digital channels such as WhatsApp, Google Meet, Zoom, Instagram, TikTok and others that served as a platform to continue daily activities that, to a large extent, required reading text messages, reading videos, reading music, reading audios, podcasts, including reading corporality to identify symptoms in people with whom they interacted. Thus, a strong position on the part of Information Science professionals seems urgent, recognizing the potential of liberating education as an inclusive and necessary practice for social change, regarding the perception of what it means to be a reader and the reading practice in its approaches to mediation of information by leading the problematization of informational processes. Interference is evident as a point of common action, with intentionality in opposing conformist thinking and the domination of elitist and segregating attitudes towards the popular, everyday life and the true feeling and living of the citizen.

Keywords: Information Mediation; Reading Mediation; Reading Practices; Reader-Narrator; Reader-Listener.

1 INTRODUÇÃO

A sociedade atual é caracterizada pela constante busca, uso e troca de informação, como atributo indispensável e presente em todos os âmbitos da vida, tanto na esfera acadêmica e profissional quanto no fazer do lar e outros afazeres da esfera social. A esse respeito, Marteleto (2007, p. 14) considera que a informação “[...] é artefato material e

simbólico de produção de sentidos, fenômeno da ordem do conhecimento e da cultura”.

Por sua vez, Almeida Júnior (2010) sinaliza que a informação é construída e ressignificada individualmente, partindo das interações do sujeito leitor com os outros integrantes de seu entorno, além da influência das condições culturais, identitárias, políticas, econômicas e acadêmicas.

Passamos a vida toda como leitores, e essa afirmação não se refere só a decodificação de símbolos para pronunciar, memorizar, ou compreender a palavra escrita e registrada em textos, prática geralmente apreendida e repetida na escola como fundamental para o desenvolvimento social. A ideia de que somos leitores a vida toda vem ao encontro da interação constante que temos com os outros e como recebemos, interpretamos, sentimos e vivemos as informações que nos são mediadas pelos nossos pais, familiares, amigos, colegas e outros integrantes da sociedade e comunidades das quais fazemos parte.

A proposta deste trabalho é refletir o ato da leitura para além do mundo acadêmico e laboral, trazendo um sentido cotidiano e próprio da existência e dos significados que são dados ao nosso próprio lugar de fala, aos traços de memória e identitários. Refletir sobre como lemos nosso mundo com todos os sentidos: como um cheiro pode ativar memórias afetivas vinculadas à família, à infância, assim como nos faz lembrar de pessoas em instantes ou sentir sua presença; como ouvir uma música faz mudar o ânimo, trazendo alegria, leveza, tristeza ou saudades. A motivação desta escrita vem influenciada pelo pensamento do influente venezuelano Simón Rodríguez (1999), quando apresentou a importância de sentir para compreender, princípio vinculado aos postulados de Paulo Freire (1999) com sua pedagogia liberadora.

Assim, busca-se aprofundar a possibilidade utópica de se livrar das amarras acadêmicas e institucionais, empenhadas em hierarquizar e elitizar o ato de ler. Entendendo a importância de que todos os sujeitos sociais sejam vistos e reconhecidos como sujeitos leitores da vida, do amor, das relações, da

natureza, do trabalho e, assim, do mundo. Como seria o mundo se todos tivessem a mentalidade aberta para conhecer e compreender a leitura do mundo dos outros? Como seria o mundo se libertando das leituras dos pares ou dos outros sujeitos sociais associados ao poder ou lideranças? Como seria o mundo se o ato de ler ultrapassasse a forma de livro?

Acaso o tempo atual não está nos levando à necessidade de repensar o estabelecimento de indicadores mais flexíveis e vinculados com a realidade do dia de hoje, quando os seres humanos estão investindo muitas horas de seu tempo interagindo com conteúdo, informações e pessoas mediante as redes sociais que funcionam pela Internet. Inclusive, depois da pandemia por Covid-19, as estruturas laborais, acadêmicas e as formas de se relacionar com as outras pessoas mudaram drasticamente, por conta do confinamento obrigatório que precisou ser cumprido no mundo.

Esse cenário conturbado e cheio de incertezas gerou um aumento no uso de aplicativos, programas e canais digitais como WhatsApp, Google Meet, Zoom, Instagram, TikTok e outros que serviram como plataforma para dar continuidade às atividades cotidianas que, em grande medida, exigiam a leitura de mensagens de textos, a leitura de vídeos, a leitura de músicas, a leitura de áudios, podcasts, inclusive a leitura da corporalidade para identificar sintomas nas pessoas com as quais se interagia. Acrescenta-se que as sociedades em todo o mundo continuam sofrendo pela má distribuição das riquezas, intolerância política, racial e de gênero, além de problemas ambientais, de saúde coletiva e guerras.

objetivo descrever as características de um fenômeno ou, então, de estabelecer relações entre variáveis.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Quanto ao delineamento metodológico, esta pesquisa é descritiva, de natureza qualitativa. De acordo com Gil (2010, p. 27), a pesquisa qualitativa tem como

A proposta deste trabalho é refletir o ato da leitura para além do mundo acadêmico e laboral, trazendo um sentido cotidiano e próprio da existência e dos significados que são dados a nosso próprio lugar de fala, aos traços de memória e aos identitários.

No que se refere aos procedimentos, trata-se de uma pesquisa bibliográfica que, para Gil (2010), é realizada com base em textos

3 DISCUSSÃO E REFLEXÕES

É considerado leitor só quem lê livros... Então como considerar os sujeitos sociais que interatuam, estudam, trabalham e se relacionam pelas redes sociais e aplicativos digitais?

Em setembro de 2020, o Instituto Pró-Livro apresentou a 5.ª edição do mais completo estudo do comportamento leitor do brasileiro, intitulado “Retratos da Leitura”. O dito estudo é realizado desde 2007, de quatro em quatro anos, com o objetivo de avaliar o comportamento leitor e de fornecer informações que possam facilitar o desenvolvimento de políticas públicas, planos e projetos tendentes a promover e fortalecer a leitura. Nesta edição, aparecem dados interessantes quanto a hábitos e interesses da leitura literária, tanto em formato impresso quanto em digital. Existe, porém, um detalhe que causou o interesse para a construção deste trabalho e tem vinculação com a definição que, desde a primeira edição em 2007, o estudo adota para o que é ser leitor: “é aquele que leu, inteiro ou em partes, pelo menos 1 livro nos últimos 3 meses”. Em contrapartida, se considera como não leitor: “[...] aquele que declarou não ter lido nenhum livro nos últimos 3 meses, mesmo que tenha lido nos últimos 12 meses”.

A esse respeito, Guaraldo (2013) reflete sobre a incoerência da pesquisa Retratos da Leitura quando estabelece que ler refere-se a qualquer meio e não apenas ao livro, mas contraditoriamente, para índices de leitura no estudo, só consideram como leitor

científicos. A pesquisa em tela não visa fazer um levantamento quantitativo dos textos que tratam sobre a concepção do que é leitor, ela busca, por meio de estudos reconhecidos pela comunidade, retomar a discussão sobre os elementos norteadores do processo mediador que podem apoiar o avanço de reflexões sobre como lemos nosso mundo com todos os sentidos.

“...aquele que leu, inteiro ou em partes...”, considerando pouco abrangente o termo leitor, quando é reduzido só à sua vinculação com o livro. Para o esclarecimento da concepção de leitor defendida neste trabalho, recorreremos a Medina (2014, p. 20), que reconhece:

O sujeito leitor é a pessoa que faz leituras. Não importa o que lê (livros, jornais, revistas, suplementos, avisos etc.), nem a quantidade de texto que lê. O mais significativo é a qualidade das leituras que realiza, ou seja, a qualidade ou forma de suas leituras. Essas leituras estão relacionadas com o nível evolutivo do sujeito, sua experiência leitora, seus conhecimentos, suas motivações, suas necessidades e interesses¹ (MEDINA, 2014, p. 20, tradução nossa).

Até este ponto resulta extremamente importante sublinhar que esta pesquisa e a análise que dela decorrerá se inserem na abordagem anteriormente apresentada por Medina (2014) e que vem ao encontro dos estudos de Freire (1999). Assim como nos estudos de Almeida Júnior (2015), em que se compreende a mediação como:

[...] toda ação de interferência - realizada em um processo, por um profissional da informação e na ambiência de equipamentos informacionais-, direta ou indireta; consciente ou inconsciente; individual ou coletiva; visando a

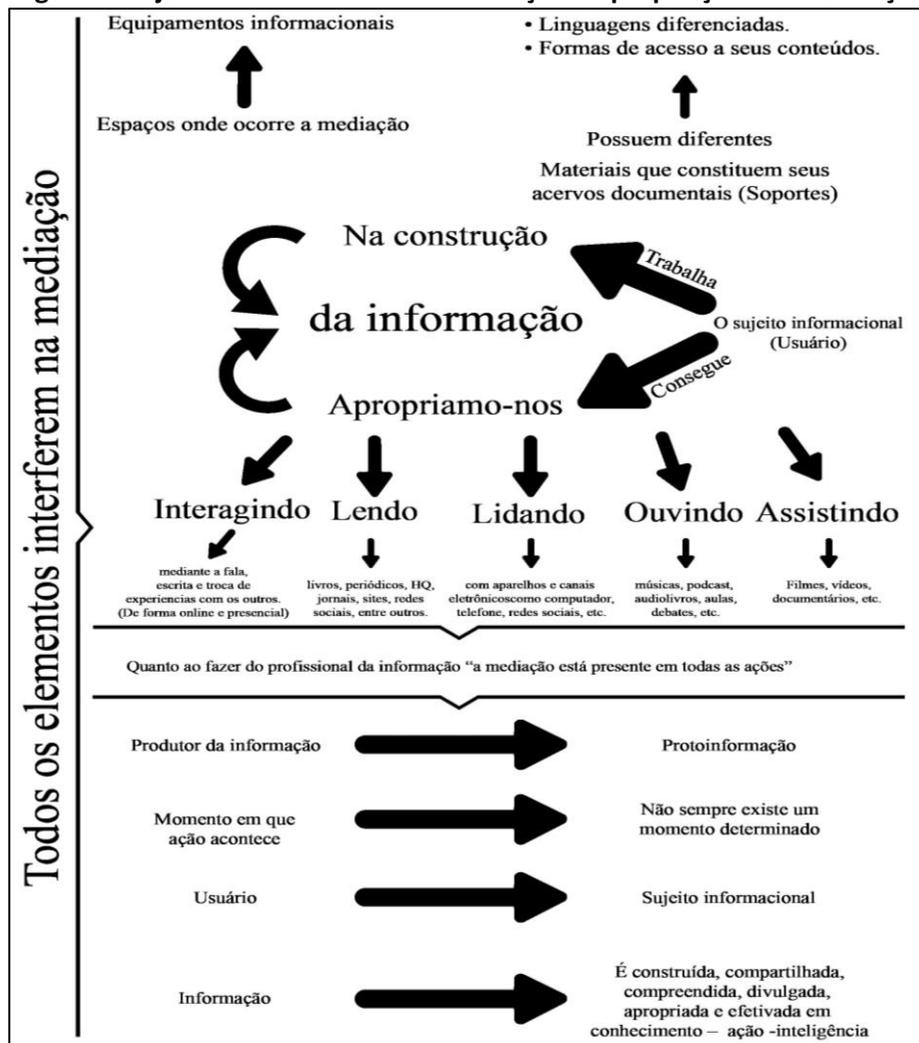
apropriação de informação que satisfaça, parcialmente e de maneira momentânea, uma necessidade informacional, gerando conflitos e novas necessidades informacionais (ALMEIDA JÚNIOR, 2015, p. 25).

Sobre esse conceito, o mesmo autor discute alguns a ele relacionados, entendendo que o mundo como lhe conhecemos é apresentado a partir das vivências e olhares dos outros “mediadores de nossas vidas”, sendo todos eles familiares, amigos, vizinhos, colegas de curso e/ou trabalho, cujas

experiências vividas, contadas ou informadas contribuem para o nosso olhar e para agir no dia a dia, tornando-nos todos sujeitos informacionais na construção e apropriação da informação.

Nesse sentido, o autor sinaliza a visão freiriana que “nosso conhecimento se constrói mediado e, da mesma forma, somos mediadores na construção de conhecimento dos outros”. Essas colocações foram plasmadas graficamente por Pacheco; López e Ulian (2022, p. 5) como se mostra na Figura 1.

Figura 1: Sujeito informacional na construção e apropriação da informação



Fonte: Pacheco, López Caldera & Ulian (2022, p.5).

Trata-se, portanto, de abordar a leitura como um processo dinâmico, que se

desenvolve em um contexto social de modo a facilitar a construção e apropriação da

informação por meio dos sentidos e, a partir dessa representação gráfica, pode-se entender que os sujeitos, ao longo da sua vida, constroem, se apropriam, produzem e acessam informações tangíveis e intangíveis que podem ler, sempre associadas a fatos, fenômenos, sujeitos e contextos que lhes provoquem significação.

Sobre o contexto sociocultural e sua interferência no processo de leitura do mundo, Sousa, Santos e Oliveira (2022, p. 355) afirmaram que

O contexto social desperto no sujeito um sentimento de pertença que pode ser acionado a partir da produção de sentido sobre os diversos dispositivos que constroem e implicam uma leitura que o sujeito pode fazer de si mesmo. As práticas socioculturais desenvolvidas no meio são determinantes para a constituição dos sujeitos e sua visão sobre si mesmo e sobre o mundo. Nesse contexto, os diferentes lugares geográficos demonstram suas belezas e os problemas sociopolíticos que interferem na tomada de posição, de enfrentamento e de visão crítica do mundo por parte dos sujeitos sociais, e de silenciamento, de instabilidade e rejeição. Esses sentimentos e sentidos produzidos constituem, consciente ou inconscientemente, a identidade e a memória que o sujeito desenvolve e preserva ao longo da vida.

Conforme a interpretação à luz da discussão sobre o termo “leitor”, condicionado à leitura só de livros, é importante perceber que, para além dos requerimentos acadêmicos ou protocolos institucionais, é o contexto social um aspecto determinante, tanto para o sentido de pertencimento dos seres humanos quanto para interpretação, valoração e leitura do mundo, o que vem ao encontro do pensamento de Freire (1999), ao afirmar que “temos de ler mesmo; temos de ler seriamente, mas LER, isto é, temos de nos

adentrar nos textos, compreendendo-os na sua relação dialética com os seus contextos e o nosso contexto”.

É preciso, ainda, considerar que o contexto dá o sentido ao acontecimento, pois o conhecimento não pode existir de forma isolada e insuficiente. Também sobre isso, Morin (2000, p. 78) afirma que o global proporciona a relação entre as partes e o todo, assim como a sociedade está presente em cada indivíduo, nas suas linguagens, saberes e costumes, pois olhar só o todo não é suficiente para entender as partes.

Acreditamos que é a partir do entendimento que os sujeitos podem fazer leituras, desencadeando compreensões diversas da realidade, principalmente sem condicionar essa leitura ao apoio do livro. Em consequência, é relevante considerar que essa concepção do sujeito leitor, adotada pelo estudo Retratos da Leitura, precisa de atenção por parte dos profissionais da informação e dos educadores, como principais agentes da mediação da leitura. Entendemos como a mediação da informação impacta na formação e desenvolvimento dos sujeitos sociais e, nesse sentido, Peixoto e Carvalho (2011) afirmam que a percepção da realidade pode ser alcançada num processo de mediação da informação por intermédio da cultura e de diversos signos e dispositivos produzidos.

Em vista disso, Guaraldo (2013, p. 68), na sua pesquisa, sinaliza como um alerta o fato de que Retratos da Leitura se adentre na “Discussão da leitura sem contextualizar todo um cenário nacional, chega a ser preocupante frente a índices que levantam problemáticas relativas à política, a renda, a escolaridade e ao papel das instituições como itens fundamentais para a inserção na sociedade atual” (GUARALDO, 2013, p. 68). É por isso que se defende a ideia de considerar a leitura para além das limitações impostas pelo acesso ao livro. Ainda mais quando se fala de um país com altas desigualdades sociais, onde se comparado o valor do salário-mínimo com o

custo dos livros, pode-se entender uma grande brecha a superar por parte das pessoas menos favorecidas economicamente. Além de contrastar com os mesmos dados da pesquisa que sinalizam o baixo índice de uso das bibliotecas por parte da população, em comparação com o uso da Televisão, do Rádio, do Twitter, do Instagram, do WhatsApp e de outros dispositivos mais acessíveis para a maioria dos integrantes da sociedade.

No que se refere a isso, Freire (1999) questiona que a alfabetização se voltou, principalmente, para a palavra escrita. Nesse sentido, relacionou-se também a leitura com os meios de informação e comunicação:

Para mim, de novo, o problema não é quantitativo [...] mas é saber exatamente o que é que eu fui capaz de fazer em termos de leitura do real, do concreto... compreensão da história, mesmo quando não há palavra nenhuma. Como é que sou capaz de entender o fato citado ali, através da notícia da televisão, do rádio etc. através do programa de humor, da propaganda comercial e não exclusivamente através do livro (FREIRE, 1999, p. 24).

Já para Medina (2014, p. 6), também é fundamental a ideia de compreender a história e o contexto, mesmo sem textos ou palavras, e assim, conceber a alfabetização para além das competências primárias de decodificar e produzir textos, enfatizando a importância de abordar a concepção da alfabetização como:

[...] um direito humano - cujo exercício garante um processo contínuo de apropriação da linguagem escrita que transforma radicalmente a qualidade de vida - implica o desenvolvimento de políticas públicas para erradicar o analfabetismo e melhorar os processos educativos em todos os espaços de formação, e especialmente, na escola² (MEDINA, 2014, p. 6).

Embora seja verdade que a alfabetização e a informação, por si só, não provocam mudanças sociais ou políticas, tem-se que a existência, mediação, e apropriação de informação sobre os direitos humanos é uma pré-condição que permite aos atores sociais conhecer as realidades que os rodeiam, questioná-las através da problematização e, depois, de acordo com a sua consideração, assumir uma posição para a tomada de decisões. Assim como ser capaz de atuar pela transformação das realidades em prol de seus direitos humanos a uma educação de qualidade, o direito à informação como base fundamental para garantir outros direitos. É relevante, portanto, refletir sobre o papel da Ciência da Informação ao se pensar a formação de uma cultura em direitos humanos, considerando que:

A educação em direitos humanos pode ser definida como um conjunto de atividades de educação, de **capacitação e de difusão de informação**, orientadas para criar uma cultura universal de direitos humanos. Uma educação integral em direitos humanos não somente **proporciona conhecimentos sobre os direitos humanos** e os mecanismos para protegê-los, mas que, além disso, transmite as aptidões necessárias para promover, defender e aplicar os direitos humanos na vida cotidiana. A educação em direitos humanos **promove as atitudes e o comportamento** necessários para que os direitos humanos de todos os membros da sociedade sejam respeitados (ONU, 2012, p. 3-4, grifo nosso).

Esse conceito vai ao encontro de um dos principais objetivos da chamada biblioteconomia crítica, que reconhece em sua práxis a importância de formar bibliotecários com amplo conhecimento na área de direitos humanos, tendo em vista a tarefa de satisfazer “necessidades humanas básicas” no contexto da sociedade do conhecimento, como as

necessidades de deliberar, comunicar e saber (MATHIESEN, 2013, p. 70-71).

Isso posto, poderia se considerar como discriminatório, inclusive como instrumento que atenta contra os direitos humanos o fato de reduzir a leitura a quantidade para além da qualidade, assim como valorar mais o suporte físico do livro que outras informações que possam ser veiculadas por plataformas eletrônicas. É desconsiderar os outros dispositivos informacionais à disposição para a prática leitora, quer dizer, não se importar com a oralidade que ajuda na promoção e preservação da memória cultural e originária. Por outra parte, essa concepção do que é leitor e não é leitor, pode estar um tanto defasada, ao momento de analisar a penetração das plataformas digitais nos processos de comunicação, transmissão, compartilhamento, compreensão e ressignificado das informações mediadas pelo uso dos celulares, computadores, especificamente mediante aplicativos e redes sociais.

Por sua vez, a Internet permite a circulação veloz das informações, expõe realidades sofridas por alguns e desconhecidas por outros, indiscutivelmente ter essa conexão em rede sem importar distância, tempo e espaço tem ajudado em muitos avanços. No entanto, Bauman (2015) chama atenção para refletir que “embora tenhamos acesso a um mundo de informações, as pessoas não são mais humanas, justas e solidárias”. Nessa ordem refletiva, cabe outra questão: o conceito de leitor e não leitor adotado no estudo Retratos da Leitura representa uma concepção mais humana, justa e solidária? Ou por acaso continua sendo uma extensão de uma cultura elitista e preconceituosa? Que ataca o estímulo para pensar, questionar, criticar, assimilar e refazer o conteúdo informacional que pode ser mediado e verdadeiramente apropriado pelos leitores de jornais, revistas, quadrinhos, livros de autoajuda e outros meios de informação e comunicação de escrever e produzir

conhecimentos, lazer, entretenimento, cultura etc.?

Para facilitar a reflexão sobre os anteriores apontamentos, resultou interessante apresentar os resultados da pesquisa Retratos da Leitura quanto aos seis principais canais de acesso aos livros, ocupando o primeiro lugar estão as livrarias físicas, para 30%; lojas pela internet, para 9%; os livros presenteados, 21%; emprestado por biblioteca de escola 13%; emprestado por alguém da família ou amigos, 11%; e livro baixado da Internet, 4% (INSTITUTO PRÓ-LIVRO, 2020).

Do mesmo modo, quando foi apresentada a questão: o que gosta de fazer em seu tempo livre? as respostas apontaram dentro das seis primeiras opções: assistir televisão, para 67%, usar Internet, para 66%, usar WhatsApp, 62%, ouvir música ou rádio, 60%, assistir filmes ou vídeos em casa, 51%, escrever, 46%, usar Facebook, Twitter ou Instagram, 44%, lê jornais, revistas ou notícias, 24% e finalmente em décimo primeiro lugar lê livros em papel ou livros digitais foi a resposta de 24% dos participantes da enquete (Instituto Pró-Livro, 2020).

Esses resultados e essas circunstâncias descritas colidem com Chartier (2002) ao apontar que, em toda sociedade, as práticas de informação e leitura têm diversas possibilidades com base no contexto histórico e social. De acordo com as possibilidades de acesso aos materiais de leitura podem coexistir os mais diversos meios e forma de textualidade.

Assim, olhando para o contexto social da pesquisa Retratos da Leitura, tanto os hábitos de leitura quanto as formas de passar o tempo livre destacam atividades que se relacionam diretamente com a mediação e a apropriação da informação e fazem preciso o ato de ler, mesmo em contraste com as possibilidades de ter acesso ao livro.

Tal como foi sinalizado pelos respondentes, surge de novo a questão que motiva este corpo de reflexões: é ético, é correto, é apropriado adotar como definição de leitor só aquele indivíduo que respondeu ter lido um livro no percurso das últimos três meses? É adequado e realista apenas nos conformar com a concepção de leitura e leitor que estabelece uma instituição ou uma elite acadêmica? Como esses estereótipos podem influenciar a formação da imagem de um suposto leitor brasileiro?

Resulta relevante propor uma abertura no âmbito da concepção da leitura para aceitar as contribuições de outros dispositivos além do livro para, assim, aceitar como esses dispositivos facilitam a compreensão e a apropriação das informações mediadas, como aponta Silva (2002, p. 41):

Sendo um tipo específico de comunicação, a leitura é uma forma de encontro entre o homem e a realidade sociocultural; o livro (ou qualquer outro tipo de material escrito) é sempre uma emersão do homem do processo histórico, é sempre a encarnação de uma intencionalidade e, por isso mesmo, “sempre reflete o humano”.

Como aponta Almeida Junior (2010), só se pode alcançar a apropriação da informação por meio da leitura, e para efetivar essa leitura deve-se considerar o conteúdo que o autor pretende veicular, a linguagem e característica do documento, a questão individual, quer dizer, contextualizar quem lê? Como lê? O que lê? Por que lê? Não se pode desconsiderar que

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreende-se que o profissional da Ciência da Informação cumpre um papel diferencial na mediação da leitura e da informação, influenciando com seu trabalho tanto no âmbito acadêmico quanto na visibilidade de situações que possam vulnerar direitos humanos, fato que tem um impacto profundo no cotidiano social e, portanto, na

o ato de dá sentido às coisas e às informações é o que facilita a criação e o compartilhamento de conhecimentos por parte dos sujeitos informacionais, juntamente com os integrantes de seu entorno como prática coletiva, entendendo necessária a relação do leitor ao mundo e à história: “[...] a leitura exige trabalho, ela não ocorre sozinha, ela não se dá por si mesma” (Almeida Júnior, 2007, p. 43).

Por sua vez, Medina (2014, p.16) afirma que “Ler é, então, o ato mediante o qual uma pessoa interroga e questiona ativamente um texto, com a finalidade de construir significados próprios a partir do mesmo, para finalmente criar um sentido pessoal e particular do lido”³.

Nesta perspectiva, o âmbito educativo cobra um peso importante como elemento que facilita às pessoas o encontro crítico e reflexivo com outras realidades. Seguindo essa linha de pensamento, Morin (2000 p. 93) propôs a necessidade de repensar as bases do sistema educativo no mundo, e investir na construção de um entendimento para alertar como os fenômenos vinculados à comunicação, pelas redes, telefone celulares, modems, Internet, não trazem por si mesmos a compreensão, e assim afirma que: “Educar para compreender a matemática ou uma disciplina determinada é uma coisa; educar para a compreensão humana é outra”.

Destaca-se que educar para a compreensão humana é a missão propriamente espiritual da educação, como condição e garantia da solidariedade intelectual e moral da humanidade.

vida da humanidade. Dessa forma e sobre tal complexidade, as conexões entre a leitura, o leitor, os suportes, a interpretação e a ressignificação das informações mediadas exigem um posicionamento contundente, voltado para defender as diversas formas de praticar a leitura.

É importante discutir a importância de ultrapassar essa concepção de leitura que condiciona o uso e o acesso aos livros. Tal perspectiva, de certo modo, fica fechada numa esfera meramente acadêmica, elitista que, em muitos casos, descredibiliza e desestimula a produção popular, comunitária e identitária de sentidos do mundo, que passam pela leitura de sentimentos, ações, lugares, pessoas, músicas, comidas, ou seja, por toda uma série de elementos que conformam o imaginário social. Faz-se cada vez mais urgente que a prática leitora se fundamente em princípios como sentir-compreender-fazer-ser-servir para além das normativas institucionais que parecem esquecer das verdadeiras necessidades humanas.

Para ler, precisamos compreender, e para compreender precisamos sentir, e poder sentir passa pela interação com os outros e assim pela intencionalidade de se posicionar no lugar do outro para compreender seu sentir, sua necessidade, seus conflitos. Logo, a construção de conhecimentos, a resignificação de aprendizados e a luta pela dignidade humana pode se converter em uma meta comum, sendo mais importante os interesses coletivos que os interesses individuais. Surgiria, por conseguinte, a ética da compreensão proposta por Morin (2000), na qual são apreendidas, compreendidas e respeitadas as diferenças. Nesse entendimento, talvez, o termo “leitor” não ficaria condicionado só ao letramento, à

codificação de signos, à oralidade de frases e ao uso do livro como elementos para ser leitor da vida e leitor do mundo.

Assim sendo, parece urgente o posicionamento contundente de parte dos profissionais da Ciência da Informação, reconhecendo o potencial da educação liberadora como prática inclusiva e necessária para a mudança social, quanto à percepção do que é ser leitor e da prática leitora nas suas aproximações com a mediação da informação ao conduzir a problematização dos processos informacionais. Evidencia-se a interferência como ponto de ação em comum, com intencionalidade ao se opor ao pensamento conformista e à dominação de posturas elitistas e segregadoras do popular, do cotidiano e do verdadeiro sentir e viver do cidadão.

A neutralidade na profissão ao não se pronunciar com fatos como o de condicionar o ato leitor e a denominação de sujeito leitor parece, por vezes, ser confundida com uma postura ética, que respeita a institucionalidade, contudo ao evidenciar que a neutralidade não é real, assume-se a interferência no processo de apropriação da informação e ao apontá-la é possível avaliar ideologias, preconceitos estruturais, que poderiam influenciar implicitamente na prática profissional. Espera-se que a partir dessas reflexões, outras pesquisas e estudos possam ser incentivados, dado que a temática discutida neste trabalho está longe de ser esgotada.

5 REFERÊNCIAS

- Almeida Júnior, O. F de. (2015). Mediação da informação: um conceito atualizado. In: BORTOLIN, Sueli; SANTOS NETO, João Arlindo dos; SILVA, Rovilson José da (org.). Mediação oral da informação e da leitura. (pp. 9-32). Londrina: Abecin.
- Almeida Júnior, O. F de. (2010). Leitura, informação e mediação. In: VALENTIM, M. (Org.). Ambientes e fluxos de informação.

(pp. 71-81). São Paulo: Cultura Acadêmica.

- Almeida Júnior, O. F de. (2007). Leitura, mediação e apropriação da informação. In: SANTOS, J.P. (Org.). A leitura como prática pedagógica na formação do profissional da informação. (pp. 33-45). Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional.

- Bauman, Z. (2015) *A riqueza de poucos beneficia todos nós?* Rio de Janeiro: Zahar.
- Chartier, R. (2002). *Os desafios da escrita*. São Paulo: UNESP.
- Freire, P. (1999). *Da leitura do mundo à leitura da palavra. Leitura: Teoria e Prática: Porto Alegre, 1982, nº 0, ano I. Entrevista concedida a Ezequiel Theodoro da Silva*. In: BARZOTTO, V. H. (Org.). *Estado de leitura*. Campinas: Mercado de Letras/Associação de Leitura do Brasil, (Coleção Leituras no Brasil).
- Guaraldo, de S. B. T. (2013) *Práticas de informação e leitura: mediação e apropriação da informação nas cartas de leitores de um jornal popular do interior de São Paulo*. Marília. [Tese (doutorado). Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Filosofia e Ciências de Marília].
- Instituto Pró-Livro. (2020) *Retratos da leitura no Brasil*.
https://www.prolivro.org.br/wp-content/uploads/2020/12/5a_edicao_Retratos_da_Leitura-_IPL_dez2020-compactado.pdf.
- Instituto Pró-Livro. (2007). *Retratos da leitura no Brasil*. 2007.
<https://prolivro.org.br/wp-content/uploads/2020/07/>.
- Marteletto, R. M. (2007). *O lugar da cultura no campo de estudos da informação: cenários prospectivos*. In: LARA, M. L. G. de; FUJINO, A.; NORONHA, D. P. (Org.). *Informação e contemporaneidade: perspectivas*. (pp. 13- 26). Recife: Néctar.
- Mathieses, Kay. (2013). *The human rightys to a public library*. *Journal of Information Ethics*. v.22, n. 81, p.60-79.
- Medina, R. (2014) *A leer se aprende leyendo. La mediación de la lectura en la formación de lectores críticos*. Cenal: Venezuela.
- Morin, E. (2000) *Os sete saberes necessários à educação*. 2.ed. São Paulo: Cortez; UNESCO: Brasília.
- Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – UNESCO (2012). *Plano de Ação: Programa Mundial para Educação em Direitos Humanos; segunda fase*. Paris: UNESCO.
<http://unesdoc.unesco.org/images/0023/002325/232565por.pdf>.
- Pacheco, G. C.; López Caldera, O. M. de J., Ulian, G. de O. S. M. (2022) *As dimensões da mediação da informação e das competências em informação na construção do protagonismo social*. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 1-18, ago.
<https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1828>.
- Peixoto, J., Carvalho, A. de R. M. (2011) *Mediação pedagógica midiaticizada pelas tecnologias*. *Teoria e Prática da Educação*, v. 14, n. 1, p. 31-38, jan./abr.
<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/TeorPratEduc/article/view/15671/8499>.
- Rodríguez, S. (1999) *Obras completas*. Tomos I e II. Caracas: Presidencia de la República de Venezuela.
- Silva, E. T. O (2002). *Ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura*. 9. ed. São Paulo: Cortez.
- Sousa, A. C. M. de; Santos, R. do R.; Oliveira, B. M. J. F. de. (2022) *Traços identitários e memorialísticos materializados na fotografia de Ivo Tavares da periferia de Salvador, Bahia*. *Em Questão*, Porto Alegre, v. 28, n. 1, p. 353-379.
<http://dx.doi.org/10.19132/1808-5245281.353-379>.

6 NOTAS

¹ Traduzido do original: El sujeto lector es la persona que hace lecturas. No importa lo que lea (libros, periódicos, revistas, suplementos, avisos, etc.), ni la cantidad de texto que lea. Lo más significativo es la calidad de las lecturas que realiza, es decir, la cualidad o forma de sus lecturas. Estas lecturas están relacionadas con el nivel evolutivo del sujeto, su experiencia lectora, sus conocimientos, sus motivaciones, sus necesidades y sus intereses.

² Traduzido do original: La alfabetización, vista no solo como la adquisición de las habilidades primarias para decodificar y producir textos, sino

como un derecho humano –cuyo ejercicio garantiza un proceso continuo de apropiación del lenguaje escrito que transforma radicalmente la calidad de vida – implica el desarrollo de políticas públicas para erradicar el analfabetismo y mejorar los procesos educativos en todos los espacios de formación y, especialmente, en la escuela.

³ Traduzido do original: “Leer es, entonces, el acto mediante el cual una persona interroga o cuestiona activamente un texto, con el fin de construir significados propios a partir del mismo para finalmente crear un sentido personal y particular de lo leído”.